

A INFLUÊNCIA DA GÍRIA NA LINGUAGEM COTIDIANA

SANTOS, Josefa Alves

PAES, Silvânia Oliveira. (Orientadora)

Graduada em Letras Vernáculas, Pós-graduada em Administração Escolar, Prof^a do
Curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes-UNIT.
silvania.paes@ig.com.br

RESUMO

Ao abordar o fenômeno da gíria, variedade lingüística própria da fala, este artigo apresenta os conceitos de língua, linguagem e fala, mostrando a importância da língua para a interação dos indivíduos e a socialização da cultura. Contém ainda, concepções teóricas de lingüistas a respeito das variações a que está sujeita toda língua por fatores geográficos, sociais e de registros, e a visão da sociedade em relação a essas variações lingüísticas ou dialetos.

Mostra também, a função da gramática normativa e as diferenças básicas entre as modalidades falada e escrita, e os motivos da supremacia desta sobre aquela, relacionando-as aos níveis formal e informal. Mostra que as variedades da língua estão ligadas à questão de prestígio lingüístico a partir do qual algumas são valorizadas, outras, estigmatizadas. E a norma padrão é a mais valorizada socialmente, e a única aceita na língua escrita no contexto de usos formais.

Por fim, percorre os “caminhos da gíria”, conceituando-a e mostrando seus processos de formação. Cita exemplos de vocabulários gírios de alguns grupos restritos, de grupos profissionais e da internet, que se encontra em extraordinária evolução, apresentando alguns questionamentos e proposições acerca da generalização da gíria e da importância da escola no ensino da língua materna.

A INFLUÊNCIA DA GÍRIA NA LINGUAGEM COTIDIANA

1. INTRODUÇÃO

A linguagem humana, diferentemente da dos animais, cujos sons são emitidos sem articulação, e se conservam durante toda a vida e em quaisquer circunstâncias, sofre variações no tempo e no espaço, havendo falares característicos de cada região e de cada época.

A linguagem é produto da inteligência humana e está em estreita relação com o pensamento, pois é a expressão deste. Sendo o meio pelo qual o homem se comunica, transmitindo e recebendo conhecimentos, tem a sua importância observada em:

A linguagem é tão necessária tanto à constituição, à perpetuação, ao desenvolvimento da cultura como à inteligência, ao pensamento e à consciência do homem, tão consubstancial ao humano do humano, que foi possível dizer que a linguagem faz o homem. Mas essa idéia mutila uma verdade complexa que é preciso revelar: a linguagem faz o homem que fez a linguagem; do mesmo modo, a linguagem faz a cultura que produziu a linguagem. A linguagem humana é realmente uma placa giratória [...] (EDGAR MORIN apud SIMÕES, 2002, p. 141).

A língua é um sistema abstrato, fruto de uma convenção social. Segundo (BARTHES, 2004) “a língua é ao mesmo tempo, uma instituição social e um sistema de valores. Sendo um contrato coletivo, nenhum indivíduo, sozinho, pode criá-la ou modificá-la, mas, submeter-se a ela, se quiser comunicar”.

A fala é a utilização individual da língua. Portanto, há um processo dialético entre uma e outra; não havendo língua sem fala, nem fala fora da língua. Esta é, então, produto e instrumento daquela.

A língua só existe na massa falante, e sua evolução se dá através da fala.

As mudanças da língua ocorrem de forma lenta e contínua, sem que os falantes percebam, pois fazem dela uma imagem de estaticidade. Contudo, ao contrastar o português atual com o dos mais idosos, algumas diferenças se evidenciam.

É possível observar também, variações próprias de cada grupo social, como a marca de plural em todos os elementos de locuções substantivas, que ocorre de maneira diferenciada entre as classes média e baixa.

Os principais implementadores das variações lingüísticas são os jovens e as pessoas provenientes das classes menos privilegiadas. Essas variações são vistas de forma negativa pelos grupos socioeconomicamente privilegiados. Somente uma progressiva mudança de valores, e em especial no que se refere às relações sociais, é que se vai diluindo o preconceito para com as inovações, que poderão, a partir daí, expandir-se para outras variedades de língua.

A sociedade, imbuída numa visão preconceituosa e em falsas concepções de certo e errado, atribui diferentes valores às modalidades lingüísticas. Aquelas usadas pelas classes sociais altas adquirem prestígio, enquanto as demais, são estigmatizadas. Isso tem gerado conseqüências econômicas, sociais e políticas, prejudicando as pessoas que não dominam a variante de prestígio, pois não estarão aptas a certos empregos ou atividades da vida pública, em que o uso dessa variante é exigido, por ter valor social.

As variedades de prestígio constituem a norma padrão, ensinada nas escolas, cultivada pela elite intelectual e transmitida pelos meios de comunicação. É a modalidade usada na escrita. No entanto, estudos lingüísticos atestam que essa atitude de privilegiar uma variedade em detrimento de outras é uma questão de juízo de valor e caracteriza o preconceito lingüístico, como é possível constatar:

A discriminação de algumas variedades lingüísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito lingüístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. [...] todas as variedades lingüísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 5ª a 8ª série, 1998, p. 82).

A língua comporta variedades diafásicas (língua falada e língua escrita, formal ou informal); diastráticas (variedades de níveis entre as diferentes classes sociais), e diatópica (variedades entre os diferentes espaços geográficos).

Dessa maneira, a história das línguas vai se configurando numa dicotomia de mutação e permanência, ou seja, alguns fatores se renovam, outros, se conservam.

No âmbito das variedades lingüísticas situa-se a gíria, objeto de estudo deste artigo, que tem importância somente na oralidade, mas, que acaba por infiltrar-se nos textos escritos, aos quais é exigido, pela gramática normativa, o uso exclusivo da língua padrão.

A gíria é uma das variedades estigmatizadas socialmente, e o preconceito se estende também aos próprios falantes, considerados um grupo social restrito, que expressa sua visão e julgamento da sociedade que o cerca, deformando os significados da linguagem usual e criando um vocabulário próprio. Esse vocabulário é avesso à norma culta e serve de auto-afirmação, defesa e preservação da classe; enfim, é a identificação do grupo.

Os usuários dessa variedade de língua tendem a usá-la na escrita, modalidade que exige o apuro de linguagem e a isenção de elementos da oralidade.

O presente artigo destina-se então, a analisar a influência da gíria na linguagem cotidiana, observando a sua adequação ou não aos contextos sociais de uso da linguagem. Além disso, mostrará a opinião de lingüistas em relação às variações da língua, bem como às modalidades falada e escrita, finalizando com uma abordagem sobre gíria, mostrando o lugar que ela pode ocupar dentro da língua comum e a importância de se adquirir a variante prestigiada socialmente.

O tema é relevante, pois esclarece aos usuários da língua portuguesa as particularidades a ela inerentes, contribuindo para o conhecimento das variedades lingüísticas e sua adequação de uso, bem como, para eliminar a visão preconceituosa em relação às modalidades pertencentes às classes menos favorecidas.

2. DESENVOLVIMENTO

A língua é fator precípua de toda atividade humana. Constitui um patrimônio social, podendo, cada pessoa, utilizá-la individualmente e de maneira personalizada. E essa maneira particular de usar a língua é o que caracteriza a fala, “que deve estar contida no conjunto mais amplo que é a língua portuguesa, caso contrário, você estará deixando de empregar a nossa língua e não será compreendido pelos membros da comunidade” (INFANTE, 1998, p. 29).

Nessa perspectiva, os falantes utilizam um sistema de língua, que é social, porém, cada um com sua forma própria.

A língua é a condição da sociabilidade entre os homens, e também, produto desse processo. Sendo a mediadora de toda atividade humana, ocupa um lugar primordial numa sociedade. Sem ela não há uma completa interação entre os indivíduos; não se tem conceitos, denominações, explicações, compreensão, enfim, não se difunde o arcabouço cultural e científico de um povo. Segundo (IANNI apud VALENTE, 1999, p. 14), a “atividade social em âmbito individual e coletivo, está sempre expressa em signos, símbolos e emblemas, compreendendo narrativas orais, escritas, pensadas e imaginadas”.

Sem a linguagem não há cultura, e nenhuma cultura subsiste sem ela.

A língua faz parte da vida humana; caminha e progride com o homem, com a cultura e com a história, como se constata:

Assim como tudo que é social, humano, histórico ou cultural, a língua é sempre viva e inquieta; parecendo estável, fixa, codificada e permanente, mas revelando-se inesperada, impertinente, sonora e estridente, a despeito dos indivíduos, grupos e classes, por si e por seus porta-vozes, empenham-se na estabilidade, permanência e cristalização, ela sempre se rebela, protesta e inova, já que outros indivíduos, grupos e classes, ou seus porta-vozes, situam-se diferentemente nas formas de sociabilidade e nos jogos das forças sociais. (IANNI apud VALENTE, 1999, p. 40).

Assim, ela sempre muda e se renova de acordo com a época e com a cultura, podendo exercer as funções de: integração, alienação, acomodação, dominação, revolução, protesto. E a gíria é uma modalidade de língua que pode situar-se no âmbito de protesto à norma convencional.

A variação, fato inerente a toda língua, ocorre não apenas pelos fatores geográficos e sociais, mas também pelo uso individual, não havendo variante melhor ou pior, mas, adequada ou inadequada à situação de uso, como preconizam os lingüistas.

Assim, os falantes têm à disposição diversas modalidades lingüísticas como falada ou escrita, formal ou informal; devendo, cada uma, estar isenta de qualquer vinculação valorativa.

Segundo (NEVES apud BASTOS, 2002) “os padrões não se impõem ao uso, mas os usos é que estabelecem os padrões, e são socialmente diferentes, cada um com sua importância social para o ato da comunicação, não havendo assim, diferença de valorização”.

Alguns teóricos concebem a língua como um sistema ao qual se acoplam vários subsistemas, determinados por diversos fatores e pelos múltiplos usos que do sistema se pode fazer. Por essa concepção, a variação lingüística está ligada às várias normas que as línguas comportam.

A Sociolingüística explica o fenômeno da variação, com o conceito de papéis sociais. Ou seja, a partir do lugar ocupado pelo indivíduo, há algumas oscilações do discurso, da multiplicidade de sentidos, dos tipos textuais, dos condicionantes extralingüísticos (condições de produção), da variação, da língua como prática social, do prestígio de certas modalidades lingüísticas, etc.

Para (SUASSUNA apud VALENTE, 1999, p.197) “é preciso considerar os diversos usos da língua, bem como a relatividade desses usos em relação a situações concretas de interação”. Dessa maneira, o uso da modalidade formal, não é exigida ou adequada a situações de fala descontraídas, familiar e entre amigos; assim como não é aceita a modalidade informal, oral ou escrita, nas situações que exigem formalidade como palestras, congressos, seminários, textos jurídicos e administrativos.

O fenômeno da variação lingüística não pode continuar sendo ignorado. Urge que a escola explore os diversos usos que se pode fazer da língua, transformando seus alunos em competentes usuários da sua língua materna em todas as suas modalidades, podendo produzir textos variados e criativos, de acordo com o uso social; já que a língua portuguesa, como qualquer outra língua, de acordo com suas funções e objetivos, pode ser utilizada de várias maneiras, pois há várias possibilidades idiomáticas à disposição dos falantes, em função das exigências sociais.

Ante o fenômeno da variação lingüística, há forte embate entre gramáticos e lingüistas. Estes se preocupam com os fatos da língua, descrevendo-os, e considerando válidas e corretas, para o ato da comunicação, todas as formas de linguagem. Explica (BAGNO, 2003) que em termos de língua tudo é válido; até mesmo a gíria, porém no contexto adequado.

Nessa condição, a língua é como uma vestimenta. Para cada ocasião, há uma roupa adequada. Sugere (BECHARA, 2001) que a escola deve transformar o aluno num poliglota da sua língua materna.

Já a gramática normativa tenta conservar o purismo lingüístico e o uso da norma culta, codificando e fixando as regras de uso, sustentada na prerrogativa de ser acadêmica e de autoridades. Daí porque, segundo (BECHARA, 2001), ela tem um papel originariamente didático, passando a ser dogmática.

A gramática normativa estabeleceu as regras de uso objetivando a unificação da língua, fundamentando-se na modalidade literária usada por autores brasileiros e portugueses, considerada como exemplo de correção e beleza. Dessa forma, o privilégio dado à norma padrão está ligado ao prestígio social de seus falantes.

A imposição da gramática, todavia, não consegue deter a evolução da língua, pois ela está para os falantes e caminha com eles, que são seres em constante evolução. Daí a sua

imane característica de diversificação e mobilidade, embora haja atribuição diferenciada de valores às modalidades da língua.

A Linguística Moderna procura separar o que é social do lingüístico, isolando a linguagem de qualquer vinculação valorativa e concebendo as variações como possibilidades de uso da língua para atender a diversos contextos e exigências sociais.

Seus estudos são muito importantes, pois contribuem para mudar, mesmo que lentamente, a visão preconceituosa da sociedade em relação às modalidades estigmatizadas.

Para (BASTOS apud VALENTE, 1999, p. 266) “a rigidez dos padrões clássicos continua perdurando até hoje, apesar de no início do século ter surgido a lingüística que propõe uma nova postura com relação ao uso da língua, a saber, não havendo mais o ‘certo e o errado’, mas sim o adequado e o inadequado [...]”.

Entretanto, há diferenças consideráveis entre a comunicação oral e a escrita, principais modalidades da língua portuguesa.

A língua escrita possui um caráter mais duradouro e conservador, cujo padrão é imposto pela gramática, ensinado nas escolas e seguido pelos letrados. Realiza-se por um meio mais consistente, o que a faz sofrer maior controle social, e resistir a inovações. Tem a função de documentar, registrar e veicular valores culturais, conceitos e saberes científicos. Embora tenha surgido depois da fala, é a modalidade que adquiriu maior valor social, pelo seu poder de perpetuação e documentação.

A língua escrita nutre-se da língua falada e constitui uma tentativa imperfeita de representação da fala.

Segundo (BRITTO, 1997, p. 84), a distinção não se dá apenas no modo de representação, mas, no fato de que nem tudo o que se fala se escreve, e também no fato de a escrita pressupor o afastamento espaço-temporal dos interlocutores, exigindo assim, uma organização cuidadosa do discurso, e na existência de funções específicas, atribuídas à escrita

desde a sua origem, diferentes das que já foram destinadas à fala, que é a modalidade de uso em situações informais, face a face, nos mais diversos ambientes, sem a preocupação com as normas. Entretanto, afirma (TARALLO, 1986), que “a língua falada, com toda sua heterogeneidade e diversidade, possui uma sistematização; do contrário, a comunicação não seria eficiente, pois não haveria entendimento entre os falantes.

A língua falada é livre, espontânea e criativa e não se prende às regras gramaticais. Ocorre com a presença de locutor e interlocutor, tendo alguns fatores que favorecem a comunicação e a compreensão, como entonação, timbre, pausas ênfase e interjeições, além de recursos extralingüísticos como gestos, expressões faciais e postura. É, portanto, a modalidade que está mais sujeita a variações.

Os estudos lingüísticos têm revelado que as diferenças entre fala e escrita situam-se na classificação dos gêneros, pois há gêneros falados que utilizam a norma culta, e, portanto, próximo da escrita, como palestras, discursos, exposições acadêmicas; e há gêneros escritos que utilizam uma linguagem espontânea, menos elaborada, similar à da fala, como bilhetes, inscrições murais, out dors, cartas pessoais.

As diferenças entre língua falada e língua escrita ocorrem até na utilização de um mesmo registro de língua, como o padrão, que é usado de maneira diferente na fala e na escrita, posto que não se escreve como se fala e vice-versa. Ou seja, mesmo a variante social de prestígio não é usada do mesmo modo na fala e na escrita. Para (BASÍLIO, apud ANDRADE; MEDEIROS, 2004, p. 51), “talvez a maior diferença entre língua falada e língua escrita se dê na área lexical. Há palavras, por um lado, comuns na língua falada que são indesejáveis ou inconcebíveis na língua escrita, por outro lado, há palavras razoáveis na escrita que são estranhas à língua falada”. Assim, as diferenças estão relacionadas ao modo pelo qual as atividades lingüísticas se distribuem nas duas modalidades.

Apesar das muitas diferenças existentes entre elas, ambas têm algo em comum, pois fazem parte de um mesmo sistema lingüístico, além do fato de a escrita nutrir-se da fala.

Dessa forma, uma e outra não constituem dois pólos distintos, a exemplo da relação entre o latim clássico e o vulgar. O clássico era somente escrito; o vulgar, exclusivo da fala.

Embora exista a partir da fala, a escrita tem hegemonia sobre ela, que geralmente está ligada a contextos sociais de formalidade. E quem não domina o código escrito, sofre discriminação e exclusão social.

Para (MARCUSCHI, 2001, p. 19-41), “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do contínuo tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos”. Ambas apresentam níveis ou registros próprios, a serem utilizados de acordo com a situação e as exigências do momento, determinarão a escolha de um ou de outro registro.

Em se tratando de variações lingüísticas, os dialetos são as diferenciações geográficas, sociais e de registros, podendo ocorrer nos níveis fonológico, léxico e gramatical.

O jargão é uma linguagem especial usada por indivíduos ou subgrupos, colocados em “condições especiais”, como juízes, magistrados, sacerdotes, médicos. Já o calão, para (RECTOR, 1975) é uma linguagem particular de uma classe social marginalizada, como grupos profissionais considerados inferiores.

A gíria, segundo (LAPA, 1984) é um conjunto de expressões populares, usuais na linguagem corrente e despreziosa, e, sobretudo frequentes nas classes sociais menos cultas da população.

De acordo com (PRETI, 1983), constitui um vocabulário criptológico de grupos sociais restritos, cuja função, além de ser um meio de comunicação, é de defesa e preservação de classe. Tem assim, a condição de signo de grupo, elemento de auto-afirmação e identificação dos falantes.

É pela gíria de grupo que os falantes expressam seu inconformismo, sua visão e julgamento da sociedade. Transmitem o sentimento de rebeldia e agressividade de forma irônica, com a criação de significados especiais da linguagem usual, agredindo, com isso, o vocabulário convencional e estabelecendo seu conflito com a sociedade, que, a princípio, estigmatiza a gíria e os próprios falantes.

Essas características são próprias da gíria marginal, ligada a atividades ilícitas, podendo ser também, de grupos estudantis, universitários, profissionais, de vendedores ambulantes e outros. Elas se firmarão como características diferenciadoras do signo, de acordo com a união e coesão do grupo. Assim, cada grupo tem o seu elemento de identificação, compreendido somente, por seus participantes; mantendo, dessa forma, o caráter de linguagem secreta, o que implica exclusão para os não participantes do grupo, por não compreenderem seu vocabulário.

Entretanto, por mais fechado que seja o grupo, seu vocabulário acaba se tornando conhecido, perdendo assim, seu *signo de grupo*. Passa a ser utilizado por todos os falantes da sociedade.

De vocabulário restrito, passa a ser genérico, formando a gíria comum, usada por pessoas de todas as faixas etárias e de todas as classes sociais. Afirmo o professor (GURGEL apud JORNAL, ed. 037, 2005), que,

“a gíria deixou de ser uma linguagem cifrada e restrita de grupos exclusivos, excluídos e marginalizados, [...], passando a ser universal, a segunda língua dos brasileiros. É um modismo, um recurso de linguagem de ricos e pobres, alfabetizados ou não, homens e mulheres, jovens ou idosos, gente de todas as classes, cores, religiões, tribos, galeras e patotas. Lamentavelmente, com o baixo padrão de educação e cultura que vige no Brasil, nos últimos trinta anos, sem a gíria, os brasileiros não se comunicariam, não se entenderiam”.

Assim, a gíria atua como facilitadora da comunicação dos brasileiros, especialmente daqueles que não internalizaram a gramática da norma culta.

A cultura de massa, segundo (SILVA, 2005), influencia a linguagem. Novelas, noticiários, programas humorísticos e científicos, filmes, propagandas, jornais, revistas e

outros, atingem o público, sempre que possível, de uma maneira semelhante, com temas acessíveis a todas as classes sociais, e de acordo com seus interesses mais imediatos. Ocorre, então, o processo de uniformização cultural e, conseqüentemente lingüístico.

Dessa maneira, a gíria entra em contato com a sociedade, sendo divulgada pelos meios de comunicação, que tendem a unificar a linguagem; passa, então, para o domínio público, integrando-se à linguagem comum. Alguns termos chegam a ser dicionarizados; outros se desgastam e desaparecem.

A partir do momento em que passa a linguagem comum segundo (PRETI, 1983), a gíria depende muito mais das condições em que a linguagem é transmitida, como a situação de quem a emprega, suas intenções e personalidade, do que do fato de pertencer a um determinado grupo social. Ela pode ser considerada um documento humano, através do qual podem ser visualizadas as mazelas dos menos favorecidos, como opressão, miséria, revolta, insegurança e desigualdade, como é possível perceber nos termos *bóia-fria*, para trabalhador rural; *grude*, para comida; *jaula*, para prisão; *presunto*, para cadáver; *maldito*, para dinheiro.

Com a generalização da gíria, urge a reposição vocabular. Os grupos restritos precisam, logo, criar novos termos para manter a linguagem secreta e o caráter identificador de classe. Isso determina a efemeridade gírica, ao que bem define (AMARAL apud RECTOR, 1975), “a gíria é uma onda que vai e volta renovada”.

A reposição constante dos termos da gíria proporciona a multiplicação das palavras sinonímicas e variantes, como a palavra dinheiro, que possui várias significações, como: bobufa, gaita, grana, capim-mimoso, tutu, etc., enriquecendo continuamente a língua.

A gíria, segundo (FUSARO, 2001) não tem uma estrutura gramatical ou forma particular como o dialeto, nem tem léxico próprio. É uma forma parasitária da língua comum, alimentando-se dela e podendo a ela retornar. Entre a gíria e a Língua Portuguesa, há uma

relação semelhante a comércio. Há o empréstimo sem prazo fixo, e a devolução, “com juros”; pois as palavras emprestadas voltam com novos significados.

Nessa relação, a língua não tem nada a perder; só a ganhar. Para (SILVA, apud AZEREDO, 2000, p. 143), a gíria é pródiga, pois dá nova acepção a palavras já conhecidas, aumentando seu campo significativo. Assim, palavras como “abobrinha” e “arrebentar”, recebem, respectivamente, os significados de bobagem, algo sem nexos; e, sair-se bem, obter sucesso.

A gíria utiliza-se de alguns processos de formação da língua portuguesa, tendo como fonte principal a morfologia, a fonética e o léxico. Além desses recursos, ela enriquece seu vocabulário com o emprego de palavras arcaicas, fazendo-as reviver sob novo vigor; usa palavras de outros dialetos, do latim e de línguas estrangeiras, com as quais o grupo mantém maior contato. Utiliza-se de desvios, ampliações ou especificações semânticas para os signos existentes. Surgem daí, denominações como “carvão” por “dinheiro”, “coisa” por indivíduo.

A fim de criar e recriar os vocábulos, os falantes da gíria recorrem ao léxico da língua, utilizando as classes gramaticais adjetiva, substantiva, verbal e adverbial.

A formação das gírias ocorre de maneira muito criativa e diversificada. Com base na tese de (GOH, 2004), os processos de formação dos vocábulos gírios ocorrem por:

Formação e deformação de palavras de caráter morfológico e fonético por sufixos e alongamentos, dando às palavras tons pejorativos e irônicos; por aférese, em que a supressão de fonemas simplifica a comunicação como no caso de *bulhufas* por *lhufas* = nada; *desforra* por *forra* = vingança. Por acópade, supressão de fonemas no final dos vocábulos, como *japonês* por *japa*; *comunista* por *comuna*; *transação* por *transa*. Por metátase, deformando o significante com a troca da posição de fonemas dentro de um mesmo vocábulo, como em *groja* por *gorjeta*; *sastifa* por *satisfação*.

Composição, relacionando dois radicais para a formação de novas palavras. Além desse, a gíria utiliza o processo de composição envolvendo a combinação de fonemas, sílabas e a redução de expressões. A composição por dois ou mais elementos de classes gramaticais iguais ou diferentes, como se observa em *tapa-olho* = bofetada; *caixa-alta* = rico; *pra burro* = muito; *no duro* = de fato. Ocorre também por repetição, intensificando a linguagem. *Fácil-fácil* = muito facilmente; *quebra-quebra* = conflito; *mole-mole* = muito fácil. Por onomatopéias, imitando os sons de objetos e animais. Há casos, porém, em que não é possível associar a palavra a um som ou ruído específico. Ex.: *lelé* = louco; *blábláblá* = conversa sem propósito; *dindim* = dinheiro. Por siglas, tornando a comunicação mais rápida, dinâmica e expressiva, como *G.L.S.* = indicativa de gays, lésbicas e simpatizantes; *APETEÔ* = apartamento.

Alterações de classes gramaticais. Ex.: *gelada* = armadilha, cilada, cerveja; *barato* = importância paga ao dono do jogo; *fria* = situação difícil.

Empréstimos, recorrendo à linguagem estrangeira. *Rendevu* (rendez-vous) = lugar de encontros clandestinos, de prostituição; *blitz* = dar voltas, procurar, batida policial; recorre também à linguagem arcaica, como o latim, fazendo reviver palavras já em desuso, dando, em alguns casos, novos sentidos; e ao vocabulário técnico-científico. *Autópsia* = revistar um sujeito; *balzaquiana* = mulher de mias de trinta anos. Os empréstimos são assim considerados, somente quando são dicionarizados; antes disso, são estrangeirismos.

Metáforas, ao transpor um vocábulo para outra área de significação. É um recurso intensificador e expressivo do léxico gírio. *Máquina* = revólver; *inferninho* = bar de má fama, que recebe marginais da sociedade; *pijama de madeira* = caixão; *lesma* = pessoa lenta.

Metonímia, ao empregar uma palavra por outra que tenha alguma relação com o seu conceito próprio. *Abastecer a caveira* = fazer uma refeição; *abrir o bico* = falar, denunciar.

Polissemia, com a utilização de um significante com significados pertencentes a campos semânticos distintos, ou seja, vocábulos que suscitem mais de um sentido. *Fazer uma fezinha* = apostar; *bater pernas* = perambular; *entrar pelo cano* = não atingir o objetivo proposto, dar-se mal.

A linguagem gírica é bastante expressiva e centra-se basicamente no recurso conotativo, uma vez que modifica os significados. E ao deformar os significantes da linguagem usual, seu vocabulário segundo (PRETI, 1983), agride o convencional.

Para (TELLES, 1984), a gíria é um dos fenômenos que mais se aproxima das transformações da sociedade contemporânea com a grande ampliação do seu vocabulário. Assim, vem diminuindo o preconceito de linguagem de marginais ou apenas de adolescentes revoltados, sendo utilizada hoje por pessoas de todas as classes.

É importante ressaltar que a gíria, principalmente a dos marginais, está relacionada à questão do prestígio lingüístico, e, embora seja hoje de uso geral, ainda há resquícios de preconceito, por ser originária das classes sociais baixas e dos grupos marginais.

Sendo a gíria uma variedade lingüística própria da linguagem oral, não é aceita nas redações de vestibulares e em outros concursos, nem nos textos administrativos, técnicos ou científicos.

Teve o seu marco no Brasil em 1854, com a publicação de “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida, que registra várias gírias do Brasil Império, especialmente do Rio de Janeiro, cidade de onde foram utilizadas também, muitas gírias nos diálogos e narrativa do livro “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, de 1890.

Essas obras deram grande parcela de contribuição para a difusão, no Brasil, do vocabulário gírio.

Com base na pesquisa de (FUSARO, 2001), citamos algumas gírias ligadas a grupos restritos, a grupos profissionais e aos internautas, todos denominados pela autora, de *tribos*.

Presidiários: *Esgamo* = cela superlotada; *crocodilagem* = traição; *dar a fita* = passar informação; *dar milho, moscar* = trair os companheiros; *dar o mi* = entregar alguém, delatar; *enfiar madeira* = transar; *farinha pura* = cocaína; *funças* = funcionários do presídio, *cavalo-de-pinote* = carro usado para fuga.

Prostitutas: *Aliban* = policial; *baludo* = cliente rico; *chimbador* = cliente que sai sem pagar; *parceiras de ponto* = as outras prostitutas; *trava, mona* = travesti; *mendigo* = cliente sujo, pão duro; *marmiteiro* = cliente pobre; *mala* = pênis.

Dependentes de drogas: *Bicudo* = pessoa sob efeito de cocaína; *baseado, beck* = cigarro de maconha; *boca* = local onde se compra a droga; *casar com a franga* = não passar o cigarro de maconha para a roda; *estar na nóia* = fumar demais; *falar com a maria, com a denise* = fumar maconha; *pasmear* = ficar louco sob o efeito da droga.

Pichadores: *Cair* = ser pego pela polícia; *colar* = ir a algum lugar; *dar idéia* = conversar com alguém; *deixar no gelo* = deixar algo como está; *estar arregaçando* = fazer muitas pichações; *fazer correria de tinta* = entrar em uma loja para furtar tintas; *fazer muro* = pichar muro.

Morro: *A chapa está fria* = o morro está calmo; *bolado* = desconfiado; *couro de rato* = dinheiro curto, mixaria; *dar o 157 em alguém* = assaltar à mão armada (referência ao Artigo 157 do Código Penal); *dar um sal* = dar uma surra; *desalmoçar* = ir ao banheiro; *este carro é cabrito* = este carro é roubado; *vazar* = cair fora; *picar a mula* = sair correndo.

Policiais: *Barca* = viatura grande; *coban* = ladrão de banco; *doze* = escopeta, espingarda; *estarrada, geral* = revista feita em um suspeito; *fazer a boa* = arranjar dinheiro; *meganha* = Policial Militar; *meliante* = quem acabou de assaltar; *peixe graúdo* = bandido perigoso, muito procurado; *primas* = prostitutas; *PT* = pistola; *puxador de carro* = ladrão de carro; *rodar* = ser preso; *vão virar* = vai começar um motim ou uma fuga de presos; *ser fritado* = caracterizar o flagrante; *tá na mão* = o bandido está preso; *copiou* = entendeu.

Aeronautas: *Boneco* = passageiro; *aerodinâmica* = mulher com corpo bonito; *catrafo* = pouso duro; *CB frente oclusa* = o mais chato do grupo; *dar uma arremetida* = desistir de uma paquera; *manteiga* = pouso macio; *ficha fria* = mau piloto; *manicava* = novato; *H-24* = prontidão a qualquer hora do dia.

Jornalistas: *Cair* = desconsiderar uma notícia desatualizada; *foca* = jornalista recém formado; *furo* = notícia publicada em primeira mão; *ir para a rua* = sair para fazer a matéria; *enxugar* = tornar a notícia mais objetiva, mais curta; *ficar na escuta* = estar pronto para entrar no ar (rádio/TV).

Internautas: *E-mail*, *E1/2* = mensagem; *baixar* = copiar um arquivo da internet; *hackear* = fazer coisas proibidas na rede; *linkar* = ligar um site a outro; *moitar* = falar reservadamente com alguém; *nickname* = apelido; *pic* = foto; *shimack* = mandar um beijo; *show* = algo muito legal; *smiley* = cara feita com símbolos; *tc* = teclado, conversar on-line; *vc* = você; *pq* = porque; *yeap* = sim; *site* = página, espaço na internet.

De acordo com (SERRA E GURGEL, 2000) a linguagem da classe dominante, das elites é a norma padrão, que é também instrumento de dominação e discriminação. Essa classe teve acesso à democratização do ensino e à socialização do conhecimento, e assimilou a variedade de prestígio, embora utilizem eventualmente a língua comum e até mesmo, a gíria.

Já aqueles que tiveram uma educação formal precária, ou nem chegaram a frequentar a escola, usam a linguagem comum, e, predominantemente, a gíria, que, com a transfiguração de significados e os metaplasmos, facilita a comunicação.

Tendo em vista que o uso da gíria está relacionado ao fator “adequabilidade”, ou seja, é aceito apenas em determinados contextos da vida social, implica, aos seus adeptos, a aquisição de outra modalidade de língua; a variante de prestígio social, que é a norma padrão, sob pena de serem estigmatizados e excluídos de uma maior participação social e política, e do exercício da cidadania, sendo vítimas perenes das desigualdades sociais.

Assim, a gíria não deve ser a única variante usada. O falante precisa ser um competente usuário da sua língua materna, sabendo usar a modalidade exigida em cada situação da vida social.

Podemos concluir, então, com alguns questionamentos acerca da generalização da gíria. A sua presença em todas as classes sociais, e mais intensamente nas esferas menos cultas e menos privilegiadas socialmente, chegando quase a substituir a linguagem comum, não será indício de que a escola tem falhado na sua tarefa de ensinar a língua materna? Por que os falantes optam por uma linguagem simplificada e transfigurada? Será que essa linguagem não vai interferir na escrita, modalidade que exige a norma padrão?

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de; MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação em Língua Portuguesa**: para os cursos de Jornalismo, Propaganda e Letras. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- AZEREDO, José Carlos de. (Org.). **Língua Portuguesa em Debate**: conhecimento e ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. 25.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. Trad. de BLIKSTEIN, Izidoro. 17.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. **Sintaxe do Português**: de uma abordagem histórica para uma perspectiva inovadora. IN: VALENTE, André (Org.). **Aulas de Português**: perspectivas inovadoras. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p.257-268.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática**. Opressão? Liberdade? 11.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental-língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **A Sombra do Caos**: ensino de língua x tradição gramatical. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1997.
- FUSARO, Kárin. **Gírias de todas as tribos**. São Paulo: Panda, 2001.
- GOH, Simone Strelciunas. **Metalinguagem e Marcas da Oralidade em Monteiro Lobato**. Tese de Mestrado. São Paulo, 2004.
- IANNI, Otávio. **Língua e Sociedade**. IN: VALENTE, André (Org.). **Aulas de Português**: perspectivas inovadoras. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p.11-47.
- INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto**: curso prático de leitura e redação. São Paulo: Scipione, 1998.
- JORNAL Mensal em Idioma Gírio** (Ed.037). Ano V-Niterói/RJ. Disponível em <<http://www.cruiser.com.br/gíria/>>. Acesso em 26/04/2005.
- LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. 11.ed. Coimbra: Editora Limitada, 1984.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez, 2001.
- NEVES, Maria helena Moura. **Heranças**: a gramática. IN: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). **Língua Portuguesa**: uma visão em mosaico. São Paulo: IP -PUC-SP/EDUC, 2002, p. 43-62.
- PRETI, Dino. **A Linguagem Proibida**: um estudo sobre a linguagem erótica - baseado no Dicionário moderno de Bock, de 1903. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- RECTOR, Mônica. **A Linguagem da Juventude**: uma pesquisa géosociolingüística. Petrópolis: Vozes, 1975.
- SERRA E GURGEL, J. B. **Dicionário de Gíria**: Modismo Lingüístico – O Equipamento Falado do Brasileiro. 6.ed. Brasília-DF: Mania de Livro, 2000.
- SILVA, Maria Helena da. **Lexicografia**: aspectos relevantes. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno13-13.html>>. Acesso em 22/08/2005.

SIMÕES, Darcilia. **Comunicação em tempo de crise**: signos em intercâmbio. IN: HENRIQUES, Cláudio Cezar; PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (Orgs.). **Língua e Transdisciplinaridade**: rumos, conexões, sentidos. São Paulo: Contexto, 2002, p. 137-152.

SUASSUNA, Livia. **Variação Lingüística e Produção de Texto**: um estudo de caso. IN: VALENTE, André (Org.). **Aulas de Português**: perspectivas inovadoras. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 192-208.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa sociolingüística**: 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.